

PREFÁCIO

Já se vão mais de dois séculos desde a explosão populacional dos grandes centros que demandaram um avanço técnico e conceitual exponencial das artes gráficas, focados principalmente na comunicação visual arquitetônica e na necessidade de comunicar das mais variadas formas analógicas para as relações comerciais cosmopolitas. Após estes primórdios nostálgicos, depois de todo o assentamento das tecnologias digitais disparadas nos anos sessenta do século passado, vivemos sim uma era estranha e amedrontadora para muitos profissionais do campo gráfico. De um lado os apocalípticos anunciam o fim de boa parte destes fazeres enquanto outros com um olhar positivo anunciam um futuro no qual os nexialistas terão papel de destaque. É preciso lembrar que historicamente as novas tecnologias encerram muitas práticas, mas em contrapartida trazem novas. As IA preditivas ou generativas neste estado popular embrionário que observamos têm evidenciado que os profissionais com repertório técnico e estético conseguem resultados muito mais interessantes e refinados. Vemos assim um futuro que talvez se construa com a revalorização do conhecimento ancestral, uma revalorização dos profissionais de mais idade com maior repertório para produzir boas entradas, o surgimento de novas técnicas não previstas com a utilização das tecnologias já sedimentadas e a construção pioneira de conhecimento para práticas antes desprezadas que geravam exclusões sociais diversas, como o exemplo da comunicação assistiva e seus desdobramentos. Este novo número da Revista Educação Gráfica é um belíssimo farol para o que ainda precisa ser valorizado e para o que virá depois deste presente estranhamente estranho.

Prof. Dr. André Guilles

Escultor, professor das áreas de arte e design e atua na estruturação e reestruturação de currículos do ensino superior tecnológico para o Centro Paula Souza.